**Sem Ceia**

 Quem tiver muitos filhos E pouco pão, Tome-os na mão e diga-lhes Uma canção.

Um pobre homem sobre a desgraça de achar-se viúvo de repente, viu-se com uma caterva de filhos sem ter com que os sustentar. Com a fraca jorna e alguma caridade dos vizinhos que conheciam a sua miséria, ia amparando as crianças. À lareira os filhos cercavam-no, um chorava, outro pedia pão, aquele dizia que estava a cair com fome, e o pai para os calar, começava a alentá-los com uma esperança risonha: – Hoje não tive quem me fiasse uma broa; é preciso ter paciência. Os ventos são como a sorte, mudam, e amanhã posso ter um carneiro, que bem assadinho para o jantar… – Ó pai! Há-de dar-me um bocadinho de perna? – Com certeza, e com duas batatinhas. – Eu, dizia um o outro, eu queria…(Já lhe custava falar). – Sim, guisado, também é muito bom. – E que tenha muito molho, acode outro, para eu molhar o pão. – E até fazer fatias grossas, acrescentava o pai. – Pois eu, disse o mais pequeno, hei-de esfarelar o pão no molho. – Olhe cá, eu gosto mais de batatas. – Aquele quer comer tudo! (Põe-se a choramingar). – Não vai a afligir, filhos! Também se faz um bom arroz com a fressura do carneiro. – Que bom! E arroz! De que eu gosto tanto. – Também me há-de dar arroz, pai? – Um prato bem cheio? – Está dito, interrompeu o pai. Agora é preciso que sosseguem; durmam, durmam.

Daí a pouco era tudo silêncio naquele lar desvalido, embaladas as crianças na grata ilusão que anestesiara aqueles estômagos vazios. E os vizinhos que escutaram a conversa do carneiro assado e guisado com batatas, murmuraram entre si: – Vai recebendo as nossas esmolas, e trata os filhos a carneiro assado e guisado com batatas!

**Os dois irmãos e a mulher morta**

Eram dois irmãos, um rico, e o outro pobre; casaram, mas o pobre tinha muitos filhos, e o rico nenhum. Estavam de mal um com o outro, por intrigas da mulher do que era rico, que se envergonhava d'aquelles cunhados, e demais a mais compadres. Vae de uma vez o rico trazia umas manadas no campo, e uma rez transviou-se e foi cahir n'um barrocal e lá ficou morta. Os filhos do pobre quando vieram do matto foram contar o caso á mãe:

— Pois ide lá ao barrocal buscar o novilho, porque assim sempre teremos que comer.

Os rapazes foram, fizeram-no em postas e trouxeram tudo para casa. A mulher do rico desconfiou, e disse ao marido que fosse a casa do irmão saber como aquillo era.

— Como é que heide ir lá? Bem sabes que estou de mal com meu irmão, desde as partilhas. E de mais como é que se póde saber se foram os meus sobrinhos que espostejaram o novilho?

— Pois juro que foram os teus sobrinhos que roubaram a carne; foram, e sou eu que heide pôr tudo em pratos limpos.

— Não sei de que feitio.

— Não sabes? Pois mette-me n'este caixão, deixa-lhe um buraco para eu espreitar, e vae a casa de teu irmão pedir para o guardar.

— Com essa me rio eu. Pois com que pé heide ir pedir a meu irmão para me guardar a caixa, estando nós desavindos?

— Tu não sabes da missa a metade. Vae ao compadre e dize-lhe que chegou tropa, e temos aquartelados em casa, e com medo do que dér e vier lhe pedes para te guardar a caixa.

Dito e feito. O irmão pobre esteve por tudo e ficou muito glorioso de guardar a caixa das riquezas do irmão que sempre o desprezára; puzeram-a junto da lareira. Como era já de noite, o rico despediu-se, e n'isto começam os rapazes seus sobrinhos a fazer-lhe figas nas costas, e a gritar:

— Hoje ha carne assada! hoje ha carne assada! O novilho chega para todos tomarem uma barrigada.

A mulher do irmão rico deu um estremeção dentro da caixa, com raiva. Os rapazes callaram-se e disseram uns para os outros:

— Estão ratos na caixa.

— Deixal-os, vamos nós comendo; a estas horas a mulher de meu irmão está roendo as unhas de pêrra que ella é.

N'isto a comadre deu outro estremeção de furiosa.

— A caixa está cheia de ratos, com certeza.

— Bota-se-lhe agua a ferver.

— Mas por onde?

— Aqui está um buraco. Foi por onde elles entraram.

Vão á panella da agua para os pés e despejaram-na para dentro da caixa. A comadre e tia, que estava dentro d'ella, morreu sem tugir nem mugir.

O irmão rico estava com curiosidade de saber da experiencia e foi buscar a caixa; o irmão pobre entregou-lha logo. Pelo caminho já lhe perguntava:

— Sempre foram elles que roubaram a carne?

Nada. Chegou a casa e quando abriu o caixão deu com a mulher morta, e negra com as escaldaduras.

— Ai, que ella morreu excommungada! Foi castigo de levantar esse aleive a meu irmão.

Tratou-se do enterro, e a mulher foi depositada na egreja para se lhe fazerem os officios no outro dia. Disse então o irmão pobre para a mulher:

— Se eu fosse de noite á egreja, tirava as joias que a excommungada leva para a cova.

— Lá isso faz penna vêr estragar dinheiro.

O homem lá se introduziu conforme pôde na egreja, e fez uma trouxa de tudo o que pôde tirar á comadre excommungada. Não contente pegou no corpo e foi encostal-o no altar-mór com o missal aberto diante. Quando o sacristão veiu de manhã, ficou de queixo cahido e correu a dar parte ao parocho da freguezia. Este foi entender-se com o marido da defunta que pagou bem os exorcismos, e o corpo enterrou-se logo depois de vestido e enfeitado com mais joias. O compadre pobre lembrou-se de ir furtar tudo isto ao cemiterio. De noite, quando estava desenterrando a excommungada, ouviu vozes ao pé do cemiterio. Pôz-se a escutar, e pelo que pescou, viu que eram uns estudantes que vinham de furtar um porco, e o tinham pousado em cima do muro do cemiterio. Diz agora um d'elles:

— Falta-me o relogio! E esta? vou por elle.

— Eu vou comtigo. Não ha perigo que ninguem nos venha aqui tirar o porco.

O pobre assim que não sentiu ninguem foi ao logar onde pousaram o porco, e tirou-o de dentro de um sacco, onde estava, metteu dentro a excommungada, deixou-a ficar e safou-se com o porco para casa. Quando os estudantes vieram, pegaram no sacco, e foram ter a casa de uma taberneira para lhes arranjar uma ceia; vão para abrir o sacco e dão com a mulher morta. A estalajadeira berrou logo:

— Ai, que ella é a excommungada!

— E agora? como nos havemos de livrar d'esta? É a excommungada que se enterrou esta manhã.

— Vamos pôl-a ahi á porta de qualquer figurão da terra.

Pegaram n'ella e foram pôl-a inteiriçada a uma porta; o corpo foi escorregando, escorregando, até que embarrou na aldraba da porta e fez barulho. Fanaram de dentro, mas como ninguem respondia vieram á janella. Viram um vulto, e pensando que estava a gazuar a porta, abriram-a de repente e deram-lhe muita pancada. O corpo cahiu. O dono da casa pensou que o tinha matado, e para se vêr livre da justiça, montou o corpo em cima de um burro e pôl-o a caminho para a feira. Ao passar pela porta do compadre pobre, diz elle para a mulher:

— Ainda aqui me apparece a excommungada. D'esta vez sempre se ganha um burro.

E pegou no corpo e foi pôl-o n'um cerrado do padre. Quando o padre o soube foi exorcismal-o montado na burra do sacristão, porque este o tinha avisado de que a excommungada andava no cavallo que pastava no cerrado. Assim que o cavallo viu a burra, correu atraz d'ella; o padre foge, a burra segue o caminho de casa, e ao entrar pela estrebaria dentro, o padre bate com a cabeça na padieira ao tempo que o cavallo chega com o corpo da excommungada. O padre quebrou a cabeça e morreu, e todos disseram que tinha sido a excommungada que lhe cahiu em cima. O irmão rico pensou que a alma da mulher andava penada, e para a despenar foi ter com o irmão e deu-lhe os bens que lhe tinha roubado e ainda muito dinheiro.